

SILVA CARVALHO

**MEMÓRIA
DO
PRESENTE**

PORÉTICA EDITORA

Póvoa de Varzim

1967/68



SILVA CARVALHO

**MEMÓRIA
DO
PRESENTE**

PORÉTICA EDITORA

A arte parece comprometida, histórica e socialmente. Daí o esforço do próprio artista para a destruir.

Vejo três formas para esse esforço. O artista pode passar a um outro significante: se é escritor, torna-se cineasta, pintor, ou, pelo contrário, se é pintor, cineasta, desenvolver intermináveis discursos críticos sobre o cinema, a pintura, reduzir voluntariamente a arte à sua crítica. Pode também despedir a escrita, submeter-se à escrevinhadela, tornar-se sábio, teórico intelectual, nunca mais falar senão de um lugar moral, limpo de qualquer sensualidade de linguagem. Pode por fim meter no fundo o seu próprio navio pura e simplesmente, deixar de escrever, mudar de profissão, de desejo.

O mal é que esta destruição é sempre inadequada; ou se torna exterior à arte, e a partir daí é impertinente, ou consente em permanecer na prática da arte, e depressa se oferece à recuperação (a vanguarda é essa linguagem insubmissa que vai ser recuperada). O desconforto desta alternativa provém do facto de a destruição do discurso não ser um termo dialéctico, *mas um termo semântico*: ela coloca-se docilmente sob o grande mito semiológico do «*versus*» (*branco versus negro*); a partir daí a destruição da arte fica condenada às formas *paradoxais* (as que vão, literalmente, contra a *doxa*): os dois lados do paradigma estão colados um ao outro de um modo finalmente cúmplice: há concordância estrutural entre as formas contestantes e as formas contestadas.

(Inversamente entendo por *subversão subtil* aquela que não se interessa directamente pela destruição, esquia o paradigma e procura um *outro* termo: um terceiro termo, que não seja, contudo, um termo de síntese, mas um termo excêntrico, inaudito...)

Roland Barthes, *O Prazer do Texto*

1.

Sem camena não sei como poetizar a vida,
transfigurar o real em mito paradísíaco,
num esplendoroso debuxo extraordinário,
dedáleo prazer onanista, maná dos deuses.
Meus versos são eivados de excrementos,
elações desmedidas, desmedidos enganos,
gritos insulsos e peremptórios cansaços,
desprovidos de quaisquer encantos subtis:
farragem promíscua de sensaborias cíclicas,
nauseabundos esquifes engrinaldados,
esgares fesceninos e luxuriantes vazios,
visões hematóides de um tempo insano,
cagadelas anímicas de fútil frustração.

Mitificar os lindes horizontes viscerais,
florir facciosamente a face do tédio opaco,
ornar em lascivas convulsões o espaço,
foi a esdrúxula missão que me impus.

Consegui? Não sei, nem é mister que o consiga...
Basta que jucundamente, feiticeiro de um jogo,
labute na construção lábil de uma gratuidade,
já que acessória e veraz se me antolha a vida.

Lanceado no âmago por todos os reveses imunes,
petrificado na lassitude congénita e vulgívaga,
chicoteado na defesa feraz de causas inúteis,
sem dúvida os meus versos são sintomáticos:
reflexos manentes de uma atónita existência...

2.

Ofertaram-me um precioso iatagã
cujo eflúvio sensível me comove!
Acho absurda tão insigne oblata
a um homem emurchecido e inerme,
incapaz de um acto improcedente,
ocluso em halos de impotência...

Mas o eflúvio imperceptível do iatagã,
em diabólica e vígil missão de concitar,
exaspera-me os nervos, electriza-me
os instintos, ao ponto de ser difícil
ter que os domar. Apercebo-me
então da inconsistência do tugúrio,
da flacidez ingénita da minha opilada
panóplia, e temo assim redescobrir-me
uma vez mais!... Juízos e sentimentos
codificados no abandono deflagram
raivosos em estrépitos obsidianos,
esvaecem-se em frios amálgamas
deliquescentes, volatilizam-se
em altívolas poeiras de esgares.

Encetar metodicamente o fruste
magma revolto, revigorá-lo
com juvenis sopros de alacridade,
parece-me estulta vesânia ou anódina
revolta. Não posso nem quero
alimentar fúteis entremeses.
Se por natureza trago o estigma
da contradição, é incongruente
esviscerar-me no plágio estiolante
da eufémica imagem criada
pela minha insatisfação.

O iatagã incomodativo e vetusto,
aposto no meu ser como um ícone,
resta só, aleatório e improfícuo,
áporo inócuo, injucundo, uníloquo.

3.

Repara naquela mulher. Que vês tu? Tu vês...
Não, não vês: tu sentes os glaucos olhos insidiosos
expectantes na presa que tu és. Não, tu não sentes:
adivinhas. Adivinhas sob a camuflagem oca e vazia
um sentido intangível que não sabes expressar.

Aqui, a tantos de agosto lácteo e sulfuroso,
entre multidões que não sabes compreender,
lanças o teu grito de alarme: o homem vive!

Está um garoto a fixar-te atentamente. Não,
ele não sabe que está a fixar-te: lê-te copiosamente
de cima a baixo, e tu sentes que está a desnudar-te!

4.

O hábito também é amor,
e um teu sorriso trépido,
um teu olhar protervo,
o nosso equívoco ulterior.

Ora depois de uma hiemação salutar,
enclausurados em lábeis arrogâncias,
pululamos irreverentes na nossa cela,
à luz do claro dia, à fragrância bela,
esquecidos das pretéritas truculências,
em pungentes disposições para amar.

Mas repara, sofremos um avatar...
Aquele que a tua cordura pressente,
tu, cujo cariz aparente se insinua igual,
adquiriram uma intuscepção hiemal,
irrecuperável, indelével, para sempre,
que me é impossível agora debuxar.

Compreendes porque todas as primaveras,
irremediavelmente, renasce um cupidinoso,
aéreo e insofismável brilho no teu olhar?
E impudicamente se me abrem os braços
em ilícios e prenhes requebros ignoscentes,
na busca dolorosa e pura de te reencontrar?

O hábito também é amor,
mas não é amar!...
É a exulceração da dor,
é a procura sem o encontrar.

5.

Quantos desvelos sonhados eu desejei outrora,
no interino dilúculo da minha existência sã,
e hoje são cruelmente sonegados ou postergados
para a escória tumefacta e nodosa da memória?!

Paulatinamente caí no opróbrio fastidioso,
neste quotidiano passamento empanzinado,
percluso na minha apagada auto-suficiência,
no hiante mericismo das horas excremenciais:

– ressumação fétida de um mal-estar fléxil,
perlada e ignava omnipresença evanescente.

Não imploro a vinda da adolescência pervagada
nos sorrisos miríficos de uma virilidade inútil,
nem desejo os sonhos pueris que me emboitaram;
estou cansado, pleno do fastio dito quotidiano,
calcinado por desilusões atávicas e lúdicas,
sofrendo este excruciente e asseptizado fenecer.

Por vezes, absorto no nada, cuido que me engano,
que construo eu próprio a frondosa heráldica
do que não sinto verazmente, mas do que invento.
Onde acaba a imaginação e começa o viver?

6.

Que bom! Não ter absolutamente nada a dizer!

As amorfas tardes deste café provinciano
são maravilhosas para a digestão do enfado...
Verdade que espero que algum acontecimento,
uma mulher, um sonho, uma ideia, um diálogo,
irrompa e desfaça o marasmo do quotidiano.

Ah! hei-de escrever um poema ao quotidiano,
um poema todo lindo, amaneirado, rebuscado,
cheio de subtis grinaldas preciosas e caras,
tão sublime, tão faustoso, tão desnecessário,
que o quotidiano reaparecerá sonho edénico,
falso vislumbre esplendoroso...

Descubro um nada em tudo o que faço e penso!

Se ao menos, diariamente, me acontecesse
uma aventura como a daquele dia,
em que uma senhora, na rua, à minha frente,
me ejaculou um graveolento flato
– e seguramente que foi para mim,
assim o espero –, insultuoso e escarninho,
aberrante, sonoro...

Ah! que bom!...
Mas não,
as aventuras são raras, excepcionais,
como um caridoso estilete verrumoso
nos meus insuportáveis tédios a mais!

7.

Também eu, outrora, na juventude que não tive,
respirei defesos sonhos amaneirados
e comi ilusões enlatadas em zinco.

Sim, também eu, também eu,
já fui outrora jovem, sim,
e via o mundo de óptica diferente,
sem dúvida mais límpida, mas falseada.

Sim, também eu suspeitei das estrelas
e da criada com quem fazia pseudo-amor.
E dos quentes gemidos que não ouvi,
também eu os vi vermelhos sangrentos,
róseos de desespero porque me disseram!

8.

Enfim, a paz silente e o abandono...
A paz e o ábdito sofrimento físico,
aqui, no meu peito, aqui, nas minhas costas,
a impressão flébil da gravidade que existe.
Tanto tempo esperei por este momento, o postremo,
a hora da verdade no folhetim da minha vida!

Não são as dores anímicas abscônditas,
os pruridos espirituais e metafísicos,
que me inquietam e torturam esta noite,
é a carne que me asfixia em medo suado,
este turbilhão vulnífico de espasmos,
matriz do desespero do minuto seguinte,
da inusitada sensação de morte próxima.

A morte deveria ser a decomposição,
a putrefacção lenta e quotidiana,
paulatinas estiolações terrestres,
para que o homem se pudesse habituar
à ideia plena da morte e do morrer.

Hoje senti um...
Pressenti tais...
Pensei tantas...
Inventei quantas...

É tão difícil dizer!...

Dizer: tenho o peito em cinza, nóxio resquício,
chagas de humor e sangue a pustularem febre,
parece-me tão inútil e sóbrio e impérvio
como dizer muito simplesmente que vivi.

Mas talvez tudo seja fácil...

Sabes, carnalmente vivido no sentido desperto,
o que é julgar o minuto que se está a viver,
o último sédulo minuto que se tem para viver?

Ou que os dias estão meticulosamente
contados? Que se deixará de ver a multidão
que incomoda, que se deixará de ouvir
os amigos intrínsecos, que se deixará de sentir
que o amor foi escora, que se passará
no mais árduo segundo a ser nada!

Porém, não é só isso, também desaparecerá
o conforto do claxon forte do automóvel
que trespassa vórtice, do ladrido raivoso
do nocturno cão irreverente, do ribombar
dos foguetes importunos e incivilizados,
do chamamento de umas mãos plenas
de blandícias... Tudo isso deixará de possuir
qualquer significado, como hoje
não tem significado o fazer projectos,
ou julgar atónito que o frio passamento
só surgirá quando a vida febricitante exaurir
em puro cansaço a vontade visceral
e o apego irracional em viver.

Oh, eu gostaria de ser o último dos últimos,
de ficar só na terra, para poder dizer:
vi tudo e tudo foi pouco para a ânsia de ver!

9.

Há olhos loiros que perscrutam na noite
o silêncio agónico da estridência diurna,
passos que pisam o papel do jornal efémero
nas ruas desertas pelo calvo negrume azul,
ouvidos que captam o sussurro plangente
da canção sucesso do último cantor ovante.

Há olhos nos ambívios das vidas que passam,
mas é o ressaibo amargo da presente desilusão
que tempera o meu gosto desejoso de comunhão,
necessidade incoercível de ouvir novas vozes,
ver diferentes e cárneas faces de mulheres,
tactear timidamente um sonho personalizado.
Tantos desejos, quantos adejos da imaginação!

Porque esta noite, vagueando a cidade morta,
trago no fundo da estesia uma eufónica canção
que, inopinadamente, me provoca o choro brando,
como se o mínimo pretexto fosse já plausível
para justificar a solidão das horas solitárias.
É medo o que sinto nesta sáfara existência,
sem as alegrias e as tristezas de um amor,
sem absolutamente nada porque valha viver,
é o medo e o horror, o medo, meu tredo amor.

10.

Maravilhoso sonho bizarro que me povoou a noite toldada pela feraz insónia que me devora há anos!
Tão bizarro e estranho que o esqueci completamente,
mas não importa, tenho imaginação suficiente
para criar na lucidez diurna expressões oníricas mais
verdadeiras e idiotas que as presumidas verdadeiras.
Imaginai, sem o mínimo esforço lógico ou mímico,
uma frondosa rapariga com cinco gavetas dalianas
nas encruzilhadas do corpo lúteo de palpitante febre,
e que, em cada gaveta, espreita demoníaco olho surdo,
ensimesmado sem dúvida, mas horrível de expressão.
Franqueai um dos inusitados olhos garços e reparai
através da claridade translúcida o coche que transporta
fausto, a sageza e a velhice. Atentai no cocheiro russo
carcomido pelo tempo, e na rubra jovem que vai
ao seu lado, dolente, os seios alvos jorrando sangue
cristalino no chão nodoso da irremeável infância
perdida. Virá um estranho homem com uma pergunta
essencial tauxiada nos lábios sorvados pelo questionar
do tempo. Silêncio. Não respondereis imediatamente;
deixai-o pensar que meditais a razão de ser, e depois,
com um subtil sorriso nos lábios, dizei que não
acreditais na vossa existência, e que tudo é ficção,
mesmo a realidade, essa fantasmática poesia mitificada.

Ao Anahory

11.

Sempre me perturbou o preto,
e ainda mais quando marchetado no branco,
como no teu nanquim que me ofereceste hoje.
Essa figura negra de sóbrio homem solitário
arrancada à literatura russa do século XIX,
abraçando a telúrica mulher que fita o céu,
e exumando, esquipático, o corpo feminino
com um desproporcional sexo em riste,
levemente encoberto pelo braço adusto
que leva a mão acariciadora aos rins,
num afago pungente de vitalidade arcaica
e de colossal erotismo ainda impossível.
Há no preto uma aspereza larvar e terrível,
uma marca indelével de dor dícróica e cega,
um estigma acerado na placidez do branco,
na imobilidade álgida e pétreia que o definha.
Por isso, no cerne de mim, muito antes de saber
o que significava esse trágico laivo negro,
já todo o meu ser se projectava alor e medo
com toda a força que o tédio impulsiona,
ávido de um qualquer coisa que nunca vem,
a não ser em forma drástica de sensação
ou mascarado em fútil arte de provocação,
como esse teu desenho liminarmente eslavo,
carregado de ingente força vitalizante,
symbiose estranha e árdua de desespero e fé.

12.

Estou cansado de ver as árvores cansadas,
os poentes dourados, os calores autarcos,
os dilúculos vagos, os frios imprecisos,
o sol do meio-dia a meia haste, a lua cio,
o luar plangente de uma brancura tão fria:
o meu cansaço, suponho, é pletórica monotonia,
é o relógio obsidiante que estigmatiza o tempo,
é o espaço em volta, sempre igual e terebrante,
é o olhar imberbe de dúbios rostos conhecidos,
é a voz monocórdica de uma periclitante abasia,
é o gesto que atinge o indemne esgar do indefinido,
é o silêncio breve que não se sabe o que significa.

O sonho de fugir para outras plagas eucrásicas
morreu muito antes de uma concretização efectiva!
Que sensações sedativas oferecer-me-ia amanhã
um outro inusitado ponto da minha ansiedade,
no meridiano xis, à latitude ípsilon do mundo?!
Não há países nem fronteiras: apenas a viagem,
todos os dias, do norte ao sul, da alta à baixa,
pelas mesmas ruas estáticas e suadas da cidade,
ou, para variar, por outras ruas diferentes...
...mas a cidade que vivo tem tão poucas ruas
para a sede de aventura diferente dos outros dias!...

Já as pedras níveas me conhecem no caminho,
chego a saudá-las com um certo carinho
e muita raiva por não deixarem de ser pedras,
metamorfoseando-se em ambiente desconhecido,
para meu gáudio, meu amparo, meu olvido.

13.

Os domingos de inverno no reflexo urbícola,
com o sol de pouco tesão aquecendo a terra
e o vagueante silêncio que inunda as ruas,
as casas, as atmosferas de dor, os silêncios.

Inopinadamente,
um longínquo frémito de um carro louco;
brandamente,
o gorjeio ctónico dos pássaros consuetos.

Em mim, a percepção vaga da monotonia...

Peço música fabricada em acetato griséu
para corromper a toalha de silêncio evidente,
para a criação de um cosmopolitismo social:
uma ténue réstea de esperança e ilusão.
Mas o dono do aparelho criado para a comunicação
não quer desfear, com o uso, a magia da máquina,
fico eu impossibilitado de um rasgo de luz sonora!

Penetro no meu quarto, exteriorização do sentir,
atiro-me sobre a cama, poço de divagação nocturna,
e abraço-me com lágrimas de nervo até à exaustão.
As paredes são frias e brancas, destilam puro asco,
e as arestas nítidas, num súbito espasmo bulímico,
lançam uma teia de insinuações inconfessáveis...

Espero e transpiro a angústia de estar só,
de ser a voz que não tem ingresso noutra solidão.
Sou coagido a vaguear pelas dependências da casa,
espreito os recessos na demanda de uns ouvidos,
de uns olhos novos que me fixem atentamente,
ou até displicentemente, não importa,
que o necessário é haver um hábito bem perto,
uma plausível fonte para a sede de desabafar,
este anelo indelével e constante de comunicar,
mesmo se condenado ao malogro da incompreensão!

14.

Eu amo-te assim, sentada no meu regaço,
os olhos nos olhos esperando um sinal,
o ataque em que gostamos de soçobrar,
o breve desmaio da nossa condição humana.

Eu adoro as tuas mãos brancas
abertas sobre o meu peito peludo,
a harmonia do teu suave sussurro,
a promessa silente do teu olhar.

Já não falamos.
São os nossos corpos que se exprimem,
e a música que nos embala é sedativa:
o esquecimento exausto do nosso viver.

Está calor.
O suor infiltra-se nas narinas
e nós amamos esse suor que nos excita,
a ponte de comunicação dos nossos corpos,
a réstea impoluta do nosso espírito.

Os gestos são tácitos e etéreos,
dizem melhor que as palavras o nosso amor:
há uma comunicação tão grande que nos sentimos uns!

15.

A defecção minha aos macróbios valores estabelecidos baniu-me do contacto ablutor de outras subjectividades, servindo de acicate para extremismos deletérios, embora bem fundo eu pugne pela acracia na minha vida. Os valores imutáveis são-me adiáforos, coercivos, juguladores de toda a versúcia intelectual ou ética, coprólitos de uma sociedade cristalizada no anacrónico. O homem que já fui na minha adolescência obumbrada, concutido por uma realidade que não reitera as experiências – muito pelo contrário, regista os erros de jaez indelével –, compreendeu que tinha de destruir todo o léxico moral exaurido e, a partir da realidade que o coarcta até ao paroxismo, inventar novos valores fundados na vida hodierna do quotidiano, sofrendo um árduo avatar para uma possível sobrevivência.

16.

As minudências coniventes que a realidade
mussita a certas horas vagas, no influxo
da memória, em forma de rímulas de esperança,
como uma música túrgida de alacridade,
uma reunião bizarra de palavras construindo
um poema, o movimento eversor de imagens
conexas num cinematógrafo, o vórtice
de pernas e braços musculados de uma bailarina,
o canto mamónico de uma opípara dama
anagogista, um sorriso ablutor dos humores
que nos oprimem, serão suficientes
para apaziguarem as dores da vida?

Certos momentos anfigúricos de prazer sentido
até ao cerne, quando penetrarmos intensos a vida
que se abre à sofreguidão, toda a caterva
de sofrimentos físicos ou morais irremeáveis
delidos imediatamente da presente consciência
dorida, para que se possa estritamente
saborear o gostinho ausente, seguindo
todos os trâmites usuais e fautíveis, todos
os afluxos viris do temperamento terráqueo,
até à exaustão catártica da última ressorção.

Depois, a acalmia, a inapetência,
o prazer exaurido até ao vômito, a esporra
dos dias a camuflar a angústia que se avoluma,
até à próxima vez de um novo estourar
de uma nova estridência.

Repetem-se os gestos automatizados pelo hábito,
ouvem-se os vocábulos restritos das vozes
afónicas, os acordos tácitos dos olhares defessos
embaindo a náusea, as rugas precoces
de cadivas expressões mímicas: o tempo
enterrando-nos dias após dia, desesperadamente.

Criam-se mitos para possíveis e cobardes justificações: a acção, o erotismo, a cultura, o ócio, os momentos lúdicos...

Discute-se o mesquinho problema com o fervor de uma defesa da vida, abre-se polémicas sobre a acção e teoria de um irmão na morte, escrevem-se dúcteis palavras sobre os eventos efémeros, acusa-se, louva-se, concorda-se, discute-se, invectiva-se, e eu todos os dias espanto-me com a realidade circundante, com as frágeis eventualidades em que nos escoramos, com o ciclo inevitável da estação, da época, do estado, com o tudo que permanecerá incorrupto depois do nada.

Por fim, comprehendo que nada sinto afectivamente, que todos os dias morro, que todos os dias renasço, e sofro a minha pungente efemeridade inadiável.

As palavras de interrogação que todos os dias lanço para a vacuidade ingre da frescura da memória, terão razão para existirem em versos de palinódia?

Não sei. Sei que, por enquanto, sou o respirar anímico do viver.

17.

Seja:

a palingenesia das macróbias imagens
da minha tão prospectada infância
surde em ritmo acelerado e fléxil
com a macropsia que o tempo engendra
e destila.

Faço

um balanço lacunoso do meu passado,
julgo-o mediante as imagens que o sustentam,
e deforme-o: a cosmovisão actual
é diferente e os valores ultrapassaram-se
com o viver.

Relembro

o jacintino olhar da namorada de quatro
anos que fugiu, o reflexo jaldino
de uns amelados cabelos roçagantes,
o cheiro iantino do velho sótão votado
ao ostracismo onde a criança
que fui sonhava com o porvir
latente.

Exauro

as crises de neurastenia e revolta belíssona,
os pratos lançados ao chão
como gesto de protesto, as reivindicações
contra as iniquidades quotidianas, as porradas
que se abatiam sobre o meu corpo anafado,
os momentos ocráceos de desespero
diante das estrelas, as deambulações
metafísicas no areal vicinal
ao atlântico.

Transpiro

os sábados à noite de sucedânea fuga
para o mistério, a casa em construção
esventrada pela curiosidade,
o reboar da trovoada nos invernos zurzidos
pelos ventos, o verão tármico a irromper
com todo o tesão
indómito.

Recrio

as amizades distribuídas pelos sectores
da minha vida: na escola, na casa vizinha,
na rua. E todos os nomes de todas as pessoas
que passaram por mim, vejo-os às vezes
e sacudo-os da vacuidade
da memória.

Transporto comigo o debuxo
de todas as sensações, o decesso resoluto
dos sentimentos irremeáveis, o que realmente
senti e o que pensei sentir:
tudo e nada, tudo e nada, tudo e nada.

18.

A farragem de todas as ideias
e de todos os sentimentos
ejaculados em vórtice de atroz
verborreia febricitante,
em noite de feraz e glauca
euforia sem vinho aporético,
com as atenções aceradas
dos gastrólatras das palavras
na mímica suada do meu nédio
rosto fescenino, no retoiço
do meu humor ilimitado
e trivial, e no desfibrar báquico
da minha vida íntima...

Depois, a indelével impressão
de vácuo multíssono, o melífluo
ressaibo da solidão que se insinua,
o tresvariar doloroso
das palavras insonoras,
das congeminâncias impudentes
do meu dilacerado ser, da náusea
que o silêncio e a acalmia
superlativam, do estupor bufónico
que arteiramente me asfixia.

As palavras que não disse!
O sorriso mitridático! A súbita
ideia que irrompe o meditar
insulado! A resposta estrita
à armadilha lançada pelo arguto!
...e o refocilar na orgia
das sensações passadas,
a ruminação terráquea de frases
obsidianas, a agonia inelutável
de não ter sido bem explícito...

Descubro então que tenho sido
injusto com a vida, a vida chata,
insulsa, monótona, anacrónica,
ambígua, e que a consciência
da minha gratuitidade obscura
não é suficiente para me coarctar
o anelo de viver: de viver
a fazer amor com as palavras
inxauríveis, a morigerar
a realidade eivada de lúrido
obsoleto, a cirandar as ideias
que se avolumam no meu cérebro,
a resumir as escórias dos lúteos
sentimentos. a esgarçar preconceitos
com a tesoura do pensamento,
a curtir o espaço e o tempo
brevemente inoportunos,
intensamente, até ao cerne vivo
da minha essência.

19.

O vento arrepia as árvores da avenida.
Dois carros estacionaram diante do lar.
Nas janelas viradas para o poente baço,
vultos de raparigas no lazer do mussitar.
Vejo-as todos os dias e são-me desconhecidas:
uma rua de preconceitos atávicos distancia-nos.

Acontece que em dias como o de hoje, receptível,
um desejo súbito sobe-me até às lágrimas:
a indizível necessidade de ouvir voz feminina.

A realidade assemelha-se tanto à poesia!...
Golpes da imaginação que o real demonstra!...
O sonho cerne tornado realidade vivida!...

Vi ontem um extraordinário ser humano,
desconheço ainda o seu burilado sexo,
mas sofro já o seu ambíguo fascínio.
Olhos querubínicos aveludados de sarças,
sobrancelhas felpudas de penugem sedosa,
nariz pequenino e aliveloz de alivez,
um bizarro buraquinho no queixo mate,
cabelos cortados até à indeterminação.

As surpresas felizes que a realidade
nos oferece quando trazemos os sentidos
defessos do monótono, essas chamas
multímodas de turva sedução interina
na forma equívoca e serena de um novo
ser humano!

Mas o sol astro penetra na tarde hiemal,
aquece os cabelos flavos das vizinhas,
reanima os braços cruzados da sopeira,
incendeia um sublimado anelo inconfessável,
traz o namorado para o passeio dominical,
e faz sorrir o autor destes frios versos,
reintegrando-o na multívia corrente da vida.

Só sofre verdadeiramente quem o deseja,
e eu estou demasiado cansado para desejar:
o viver já me preocupa o suficientemente.

É verdade:
a música que o gravador vomita
na translúcida imagem presente
também existe:
sinto-a percorrendo-me os nervos.

20.

É forçoso dizer que nada tenho para dizer,
um esquálido vazio apossou-se da memória,
perdi o passado de sentidos esquecidos
no tempo, sou agora um constante devir
ensimesmado no nada. Deve consistir
nisto a concentração psíquica: uma ténue
contemplação de ápice moribundo,
o espírito a volitar independente do corpo.

É um momento de inominável êxtase!...

Já os fenómenos exteriores irrompem
intempestivos: o macavenco martelar
das suadas picaretas no asfalto, a música
túmida de uma saudade poeirenta, os passos
belíssonos de um colega zangado que sai,
o assobio espúrio de uma melodia em voga.

Mas todas as sensações são vagas, epidérmicas,
um ininterrupto rio e riso de espuma olivácea,
um tíbio suor submergindo a vida sensual...
Tudo tão estático, tão fora, tão inimigo...
Já não sou mais que um perdido vegetal...
Quiçá uma árvore ou um poio especado
na solidão vazia de uma calva planície...
Uma fronde empobrecida...Uma razão a mais

O que fizeste do jovem de vinte anos?!

Zangarilhas o tédio como uma dócil mulher,
fazes amor vitríolo com as horas cadivas,
tens em ti a estagnação fétida do tempo.

E no entanto tu vês a velhice ardilosa chegar,
no encanecer dos teus pais, dos homens
da infância, descobrindo atónito a crucial
ilusão do tempo. Também a tua saúde
te provoca o mito da morte, tu assististe
impotente ao estertor da tua avó, sofreste
todas as mortes despidas de significado,
choraste gritos raivosos de dor pelo inefável,
exploraste o sofrimento até à edacidade
masochista: és um destroço de amargura
zurzido pelo tempo.

É forçoso dizer que tens sempre algo a dizer,
algo eivado de depressividade eslava,
de euforia latina, de desespero humano.

Descansa,
os ultrajantes ponteiros do tempo
continuam a sulcar a tua existência.

21.

Eu,

o avezado às orgias averdungadas da imaginação,
estremeço diante do inexorável falar do números:
cabe-me hoje a primeira representação de tirocínio.

Visto o meu negro traje de luzes, enfrento
uma estelante noite de frio; chego pressuroso
à República em festa: uns jovens homens
ajaezados à praxe, uns copos pejados de licores
fesceninos – trago comigo esta ensoadíssima
solidão e sofro o contágio tentacular da euforia
apertado numa exígua sala de risos metálicos,
com quatro olhos de mulher exumando o suor
e os requebros nitescentes da louça: a dúvida
efusão evaporando-se em celeuma esparsa.

Depois do repasto de fome e obscenidades,
um jovem diserto, adictício, taumaturgo vil,
enceta facundo discurso cunctatório; logo
o seguinte pasquina o primeiro. Chega
a minha vez de balbuciar umas palavras.
Levanto-me no alvoroto das discussões
inócuas, lanço um bisonho rouquejar
das minhas entranhas – substrução de todas
as infinitas ruínas –, e desejo felicidades
em nome da minha casa, suarentos desejos
de prosperidades tangíveis.

Desfaleço do grotesco de estar só, indemne;
abre-se um desfasamento entre os outros e mim:
caio num torpor víscido de unguento mal-estar.

Vagamente as palavras penetram o meu corpo,
gritos chascosos de vilipêndio demófilo,
rípio de sons procelosos no ascenso bodum,
e a festejada ceia ainda não atingiu o fim.

Recebo o esmagar de palavras chaves estereótipos:
auto-gestão, liberdade, problemática, *statuo quo*...
enquanto sibilina pirose avança implacavelmente,
e o mefítico cheiro dos vómitos prandiais e outros
se insinua na minha hiperestesia de sensações.

Levantam-se os jovens, despedem-se os jovens,
acabou a primeira das minhas representações.

22.

Os ensilvados estigmas do riso até ao paroxismo!

A pedra rugosa, que se encontra na estrada
a dois metros do passeio saxoso e nítido,
é uma novíssima percepção a ser corrigida
na prosaica congérie de pedras adictícias,
porque é forçoso rever tudo de novo,
superar o tumefacto do estabelecido,
soprar os sedimentos da sabedoria vulgívaga,
masturbar com sangue e raiva a vida única!

A mulher que nunca desejei,
dize-me, o que foi feito dela?

À certa confita o tempo existe e fere,
ou os sulcos que me anavalham o rosto
são as migalhas coisificadas do Tempo.

A ucrónia das horas felizes,
do diluto nirvana do prazer,
dize-me, o que é feito dela?

Férula a todas as sensações que dizemos vida;
a todos os momentos fugidios de lazer cenoso;
à ficta maneira de nos olvidarmos morte viva;
à alistridênciam dos risos e choros ablutores.

Quando me trazes um cálice de lata
para poder mijar toda a minha dor?

As horas alabastrinas de estático!
O mutismo algor da palavra maldita!
As sensações eméticas do quotidiano!
O prurido obcecante e seco que sufoca!

O escarificar paulatino do tempo!

23.

Não, já não necessito de vinho
para me embebedar!...Basta-me viver
amoldurado às mesquinhices do meu ser,
agarrado à fronde lívida das espontâneas
ideias, debaixo da heráldica das icásticas
sensações, subsumido na disbulia
da minha tão festejada preguiça,
prisioneiro do ambíguo tirocínio
das palavras vida.

Que imbecil tenho sido, esbracejando
num contínuo e lutulento nateiro sáfio,
à procura da melhor maneira de ser!

A flâmula da saída do dédalo!...
Um sorriso purificador da dor!...
Tantas utopias para tão recentes anos!...

Deixai-me, obsidianas necessidades
de análise, de correlações com a realidade
que me evoca, de cotejos inúteis
com as pedras do meu lar.

Não me venhas dizer que a comunicação
não existe, que não tens palavras
para exprimires o que sentes. Aprende:
só se sente o que a palavra exprime, tudo
o mais, desejo megalómano de frustrados,
criações mistificadoras da vossa fruste
paranóia, esse anelo esdrúxulo
de vos quererdes suplantar!...

Se sou o que sou, deixai-me sê-lo
intensamente; ide-vos com os vossos
inumanos desesperos, com os vossos
triviais aporismos acomodatícios,
com a vossa estúpida ânsia
ou sede de infinito.

Eu basto-me!

24.

A vacuidade das dispersas sensações
externas! Um multisciente sonho de flébil
loucura precoce! A discência de uma verdade
nova que nos acontece quando o corpo
já nos aborrece, causando-nos vômitos
de indiferença até ao obliterar da micro
necessidade de sermos!

Todos os ideários são inúteis e sestros
diante da excruciente impressão de náusea!
De que servem as leituras da adolescência?
A irreprimível procura anelante de cultura?
As discussões acaloradas sobre as essências?
Só desejo que termine de uma vez para sempre
esta asfixia de conectivos laços depascentes,
e o reflexo psicológico dos dedos da asfixia,
e a dor física do corpo e alma que eu sou.

Eu, neste preciso momento, revivendo,
lúcido, o enquistado pelas leituras de pilhas
de livros, o inumano por difidente
personagem que se cria, o ingênuo
escandalizador dos coetâneos vetustos,
necessito, como se de um bálsamo irreal
de felicidade, as mãos flavas e dícteis
de uma mulher animal, o massajar suave
nas frontes escaldantes e um sorriso
que me dê a ilusão da eternidade!

As retaliações incumpridas pela disbulia!...

Colido sempre com o começo do viver!...
Os conselhos que me dão e não os ouço,
redundância que me é desnecessária...

Já nem a vida me ensina!...
Ensino-me.

25.

A senescênciade um mundo tábido,
será que a minha poesia a não denuncia?
As árduas palavras que vivifico
não transcenderão o imediatismo original,
reflexo exacto da bulimia de metamorfose?

...a trama de todas as ambições humanas,
a litania das desilusões de vida afectiva,
mirífica maneira de se sorver a injunção
das horas: as horas de uma alacridade
melíflua e sage?, as horas de lágrimas sujas
de fel insone?, as horas improfícuas da delusa
ubiquidade?, as horas crapulosas de orgias
sensoriais?, as horas estandardizadas
pelo hábito conservador?

Tanto sono polícromo dispersando
a estesia, o audaz morbo da droga
invadindo o sangue, a cabeça tombando
sobre os joelhos infrenes, o alheamento
paulatino aos estímulos exteriores!

Em mim todos os serralhos de todos
os mundos, com todos os orgasmos
de todas as épocas: há um sonho
sobre repairando o amálgama do que sou!

26.

A visão retroactiva do pretérito,
toda uma análise esplenética do que fui,
dói-me, quando franqueio o limite
da memória forçado pela enviscação
que o lazer faculta a determinadas horas
da minha viagem com fim.

Os primeiros anos da vida deluzidos
pelo tempo, ténues supérstites do que vivi,
sonhei, perdi, canga de uma existência
destilada pelo devir, passadio
para a estranha orexia de coerência,
esta necessidade incoercível de buscar
um sentido, um simples sentimento
que proteja a vida do nada.

Analiso a salsugem pretérita da morte
contínua, evidencio factos que julgo
serem importantes, dissecos-os
com um certo mas breve carinho.
Depois do alvoroto de uma esperança
vulpina abre-se o desânimo das horas
insignificantes, a descoberta pungente
de que tudo fora inútil: de nada serve
o conhecimento de outro homem,
a experiência é um mito anquilosado
e podre, uma espécie de acre consolação
de frustrado, uma tentativa de fuga
à verdade orgânica que o nosso corpo
pressente mas não define.

Faço do presente a escora para a eutimia,
mas, por entre os dedos enclavinhados
da angústia, o presente escapa-se
sem sentido, insidiosamente, apenas
anárquico e conducente ao alheamento.

27.

Metuendo ademane icónico e fescenino,
 fruição da ambiguidade no meu temperamento,
 ora viril e fátuo até ao ridículo algoz,
 ora ambivalente simpléctico feminino!
 O meu corpo, coluna de um machismo aliveloz,
 esbarra, a cada passo, num prélio letífero,
 com a minha alma grácil e policresta,
 autora inocente das minhas desgraças.
 O grotesco de um corpo desfasado com a alma
 sinto-o eu e sofro as nítidas consequências
 na vida agónica e polícroma que prodigalizo.

Os suspeitos risos histéricos que ejaculo:
 – estigmas dilacerando a minha personalidade;
 – sugestões estranhas que ressoam a monstruosidade;
 – motivos de apreensões lábeis mas vulníficas;
 – um certo ar de travesti obcecando-me em grito!

Se pudesse fugir ao que me consome e dói,
 levar comigo todos os complexos indizíveis,
 esconder para sempre a minha facticidade
 – rebém que me instiga desde o nascimento –,
 tudo se resolveria em perda da hominalidade.

Ah, viver como pedra eterna no ramerrão total,
 como árvore lançada aos céus da ubiquidade,
 como catedral de nervo a desafiar o tempo,
 como salaz sonho irrealizável aos homens!...
 Sim, era isso, gostaria de poder ser uma utopia,
 e andar de mente em mente sucessivas gerações!

Talvez que a eternidade seja cansativa!...
 Talvez preferível a brevidade de um soluço!...

28.

Sesgo caminho de concussão perpétua...
Tudo se avoluma quando a afectividade
o exige, até o torpor que antecede o poema
alvacente de vácuo. Se uma transparente
mulher, que não me sabe malsão, mas
todos os dias vê o meu corpo interdito,
cumprimenta a passagem canhestra
dos meus passos, penso: é aborrecido
o espírito curvar-se frente à carne,
porque nesse momento o meu distraído
pensamento volita, embora o fácie sofra
uma desconracção contemporizadora.
Passeio a minha apodemialgia de gestos
falhados, espanto-me com o aglomerado
que vejo inadvertidamente: é um sábado
na baixa cidade prenhe de jovens mulheres:
a hora semanal da convencional passagem
de modelos.

A estridência verruma-me os sentidos
embotados, o chiar dos pneus causa-me
uma espécie de vertigem, o roncar
dos eléctricos excita-me até à confusão.
Correntes humanas roçam o meu corpo,
o meu hálito, eu trago o olhar no último
andar do maior prédio prospectando
a subtileza que a proximidade escamoteia.
As vitrinas reflectem uma grandeza
que me amesquinha, por vezes a antecalva
que ameaça a minha fealdade, ou um corpo
maciço de enxúndia e inépcia arfante.

O inferno solitário dilui-se com o súbito
contacto, começo a pertencer a uma ingente
máquina comunitária, sou agora
um funcional parafuso num terebrar

esquipático, um volante a transformar
vida num movimento vaivém, um fantástico
e imprescindível êmbolo carnal, minutos
irremeáveis de subterrânea comunicação.

Depois, o vergão dos tempos mortos
e asfixiantes, o espírito entregue impune
à contemplação do devir, o tempo a rasgar
em mim uma deletéria depressividade.
Emalo-me para as horas de inexpressão
incomodativa, para o ser o presente
sem a sensação do viver, como um objecto
orgânico que faz do meio o fim.

Então, choro a vida que não vivi por cansaço
e por amor a uma vida maior que não vislumbro.

29.

Qualquer coisa dentro de mim se revolta
e eu desconheço terrivelmente o que é:
um díctil prurido que aumenta
de intensidade, um anelo ardente
de berrar ao silêncio do tempo, um gemido
raivoso frente à inoperância do ser.

Tantas as coisas e os factos tantos
que me solicitam! Tamanhos monstros
de inusitadas sensações! Calores
pergaminhados de insinuações atávicas!
Olhares cariados de reflexões
premonitórias! Uma leveza que convida
o corpo a volitar!...

A impossibilidade de permanecer
num mesmo sítio, o nervosismo acerado
corrompendo os músculos, a corrente
da consciência vulnificamente dispersa,
incapaz de unir duas frases prosaicas
e usadas, duas palavras que reaparecem
com um sentido actual, novas,
recentíssimas, ainda quentes,
borbulhantes, fordas de um fulgor
que a novidade não deixa deluzir...
...e eu a resvalar entre o entorpecimento
protervo e a tentativa lúcida
de uma ténue coordenação lógica.

Sofro atónito os momentos de aparente
loucura, sinto-me um atroz verme
de comoção asseptizada, ou um pássaro
engaiolado na imensidão dos ares:
qualquer coisa que não sei dizer,
um sentimento primevo de inferno,
um enxame de significações absurdas:
a hora da loucura superlativada
ao desespero!

30.

O obnóxio possesso que vive no meu peito
perdeu o jeito de palhaço amodorrado
e começou a barafustar com os ódios
tumefactos que plectorizam o mundo
de frustrações ominosas capazes dos actos
mais estúpidos e ignavos.

Suspira agora todos os tempos enlatados
que deslizam insignificantes, todos os espaços
polícromos de bonomia e alacridade, todos
os desejos que nunca chegaram a ser nada,
todos os traques proibidos pela sociedade
bem pensante, todos os males que empestam
o cosmos por refazer, todos os amores
que abortam muito antes de nascer, todos
os sentires díspares e ideias ambivalentes.

Trago comigo um estranho facho prístino,
amálgama de lucidez e de subtil loucura,
miscelânea plangente de amor e desamor,
milhares de camarinhas de dor que cruzam
a vida...e um sentimento de revolta
a incendiar a acalmia, corroendo
a pusilanimidade que a sociedade
me deu na hora em que a educação
foi um dever da família: o transformar
do homem num cordeiro andróide.

Mas todas as algemas são inúteis
para jugularem a rebeldia, todas
as palavras cordatas vãs diante
da minha decisão: é preciso revelar
aos outros o recesso de uma vida,
franquear-lhes o testemunho pungente
de um homem para, na hora da revelação

da face hedionda do mundo, não
cuidarem que a vida é mentira
ou nívea insónia, criação esporádica
da loucura visionária do poeta.

A vida existe, a vida bem ou mal vivida
existe, sinto diariamente o seu estigma
dilacerando o ser, como um acervo
uterino de forças contrárias e ambíguas,
um suspiro de dor, um suspiro de prazer!

31.

Pelo cão! Hoje aconteceu o facto mais importante de toda a vida geográfica do meu corpo: cerceei a minha dionísica barba até à novidade, sendo apenas magnânimo com o indefeso bigode.

Dizem os da casa que me encontro irreconhecível: sofri sem dúvida um verdadeiro e higiénico avatar, sou um outro homem renascido inopinadamente, um outro travo biológico de esperança violeta ...a recém descoberta de uma insólita leviandade!

Se não fossem os pêlos implantados no rosto, o que seria de mim sem tão benéfico auxílio? Não poderia fugir à monotonia do quotidiano, nem tão-pouco efigiar mais ou menos exemplarmente as mais esquipáticas figuras fictícias: personagens ambíguas do sonho real que vivo, justificações jussivas da minha pirética estesia.

Hoje sou a pintura suave e verde de Modigliani, trago o bigode vincado na aridez do meu fácieis, duas rugas côncavas a estiolar a harmonia da cor, uns lábios belfos e vermelhos fesceninos de dor, uns olhos garços tauxiados na placidez do rosto. No coração sobressai o amarelo obeso de van Gogh, o sexo é um magento osso daliano em convulsões, as pernas são devaneios matizados de Kandinsky, os braços dois cones azuis aplainados de Picasso.

Sou agora a pintura universal e humana, o meu corpo a tela em constante viagem, o pintor é o sibilino tempo da estiagem, o último quadro o estertor rouco da agonia: um féretro pesado de difíceis recordações, a cova da última emoção, a plangente alegria.

32.

Eis:

o que tenho a dizer já o disse sem gestos ou palavras: a primavera fugente evola-se no espelho do tempo, a primavera da memória da verde adolescência, a primavera risível das personagens que eu fui.

Aqui,

derrelicto num mundo insondável e intangível, eu canto as minhas gratuitidades erodentes, a abulia laivada de esperanças pretéritas, a ingente adiaforia às ambições ditas humanas.

Eu grito estreme as horas de vida nado-morta, as dores que o meu corpo inventa e sacraliza, a angústia de me prospectar consciência vígil, o desespero impoluto da minha árdua impotênciā.

A minha alma é poema de poeta metafaltado, não mais que um escarro no plâno carnal, um grotesco vício, um subserviente chasco, miríades de gotas no escorço do suor alado.

Espero.

Destilo olhos amargos dirigidos ao cosmos, sopeso a infinitude da minha temporalidade, desfaleço o inexorável dizer das horas.

Existo cronómetro dentro do tempo que me sustenta, constato a infância nascente e a velhice carunchosa, imagino pulcros oaristas com a feminilidade ausente.

Que fizeram ao que nunca desejei?
Que reserva o cristal do meu porvir?

Daqui a um lasso momento, a uma feérica
hora intrusa, já nem sei se existirei!
Condição humana! Condição humana!

Merda à fatídica decisão do tempo!

33.

Tenho nas paredes do meu quarto,
para disfarçar a nudez do branco,
dez minúsculas reproduções baratas
de seis pintores amados e magníficos.

Quanto mais as fixo,
mais me parecem diáfanas, pontos
de partida para a minha imaginação:
um nu verde de Modigliani a fazer
amor travertino com um horríido
verme jenolim de kandinsky;
uma paisagem lútea de van Gogh
a disfarçar a irritação de um Braque;
o grotesco rosto da morte
de um Goya a iluminar a amargura
bordélica de um Lautrec.

Eu vivo com a sinfonia da pintura,
construo opíparas variações bizarras,
mundos novos de fulgurante luminosidade,
umbráticos bailes de sentires dispersos,
girândola de mil sugestões icónicas,
amparo débil e flébil à minha solidão.

34.

Não poder captar de jaez indelével
os poemas construídos nas lucubrações diurnas,
quando carrego o meu corpo na rua expectante
ou permaneço estático e hermético na casa íncuba!

Não poder revelar os estranhos acontecimentos
que me sucedem na abstracção de um sentir,
quando um outro ser se dissocia do meu ser
e autónomo vagueia independente da volição,
forâneo súbito de uma outra força incógnita,
despersonalização inumana, irritante, dolorosa!

Não conseguir sintonizar com a minha meditação
a sombra da minha imagem nos socalcos do tempo,
esperma improfícuo de falazes desprendimentos,
uma lágrima de lodo no fulgor de uma esperança.

Já desejei os olhos roxos de uma jovem mulher,
os cabelos crinas imperfeitas de uma ilusão,
o torso maciço e telúrico de uma juventude,
as lindas e impressivas coxas da diáfana emoção.

A vida exauriu-me em estático,
estagnou a minha raiva de ser!

Devia possuir o poder ingente de estacar
o tempo para fazer um inventário do existente
plausível, do pretérito conducente
à minha dúbia perquisição, do actual,
fautor de um mascavado e precário futuro.

A sensação de que algo se escapa pelos dedos,
imperceptível vacuidade disseminando-se alor,
oblitera a minha dúctil lucidez, obceca-me
até ao paroxismo do devir, exulcera-me até
à pustulação tábida, indizível maneira de existir!

35.

A dor física merece-o: é preciso celebrar
esta noite alindando estes percalços carnais,
não com o vinho das uvas flavas,
nem com vitualhas de ouro e mel,
simplesmente com o meu corpo poluído,
fosso eurístomo de silentes consumições.

O que sou eu senão o cativo do equívoco
soma, o instigado pelos caprichos da ingre
vesânia, o arauto de todos os momentos
de gris fobia, o metamorfoseado
num fantástico texto celular (milhares
de seres a diluirem-me a origem), acervo
fremento de nervos e sangue infrene,
uma angústia dilacerando-me o espírito?

Devia ter marcado a hora do meu decesso
num contrato bizarro com o tempo!...

Já não morreria um pouco todos os dias!...

Na hora aprazada, terebrantemente,
o deflagrar da última esperança. Então sim,
a morte e a vida seriam campos estanques:
duas faces grotescas da mesma essência!

Celebrar! É necessário que esta noite
coccínea fique socavada na ingente
montanha do tempo mito, paradigma
do sofrimento máximo, da dúvida
constante, do desespero obsidiante,
da lágrima seca de um grito.

Celebrar em pulcritude e em dor:
ao compasso do arrítmico coração,
acompanhado de inebriante música:
uma ténue flâmula unindo-me ao mundo
nesta noite de espectros luctíssonos,
com o incógnito sulcado no meu rosto.

36.

Tarde de inverno. Os sentidos plenos
de árduo fastio. Que fazer agora, diante
da monotonia? Os olhos vidrados...
As mãos vazias...

Suspira-se o momento, um bom
entretenimento, é preciso sorrir...
Os pequenos pássaros, os poucos
pássaros, voacejam tranquilos...
Os frutos do inverno murcham,
geada azul, é preciso sorrir...

As palavras de hoje, as pequenas
palavras, insignificantes, novas,
dolorosas, as usadas na confidência,
as que servem de paliativo, as palavras
das coisas, dos pequenos gestos,
dos pequenos olhares,
para sintonizarem a agonia.

Adoro a acalmia, o sossego brando,
a modorra da digestão, o repasto
da memória, o aboletar da infância,
o suspiro do presente. É preciso dizer,
convicto, as pequenas e as grandes
coisas, porque são necessárias palavras.

Eu digo: amo o mar do inverno, é
uma pele doce no afago do pescoço,
é a blandícia do vento, é o bafejar
da harmonia. Amo o mar do outono,
quando o coração volita sobre as ondas
e o pensamento queima o sol pálido.

É preciso dizer todas as coisas,
a amargura do sofrimento, a leveza
da alegria, o mussitar da nostalgia,
a ânsia de um futuro. Falar
dos recentes homens, dos problemas,
das ambições, das ilusões que vivem
o mundo. Tenho receio de não saber
tudo, de não poder ajudar os homens...

Há uma doçura flébil, uma chama
titubeante que volatiliza o coração.
Não poder ser útil como o gratuito
rito da poesia!...

Espanto-me: há belas coisas na vida,
é preciso nomeá-las lisamente, agora,
já, sem fáceis dogmatismos:
como um sorriso de uma criança,
os olhos loiros de uma jovem mulher,
quando, imprevistamente, nos fita
em verde: é a beleza do sexo
num corpo votivo, na lágrima
vilosa, na jóia da fronte.

Desejo que tudo seja, mesmo o delido
passado, para festejar a tristeza.
É preciso descermos ao acre imo
da coragem, sofrendo as consequências
da loucura de procurar. Dizer
alguma coisa, uma revelação bizarra:
um jarro de flores lúteas, um beijo
no rosto ficto, um orgânico girassol!
Todas as coisas que preenchem a vida.

Amo-te, flor de lótus, imagem
da minha recordação, equipagem
da minha memória, singulto
dos meus futuros. Estou só,
completamente só, é inverno
lá fora, nas ruas desoladas
da cidade, é calor suado
nestas paredes protectoras.

Olho impávido o jardim nu de flores
primaveris, vazio e verde, só como eu,
e sorrio... Tenho a minha estesia
volitando no espaço, sobrevoando
a minha vida. É belo o sexo
do meu sonho, o acordar
para o sofrimento, a dor cio de ser
existente, o penetrar no escuro abrigo.

Há palavras belas, quase esdrúxulas,
eu sei, mas tão longe de mim, tão
longe!... Gostaria, para quebrar
a monotonia, de ver um monstro
amarelo, simbiose de hipopótamo
e fé. O futuro do meu sonho,
o que restará dele, corroído
pelo tempo? Mas é preciso continuar,
não perecer sem atingir o fim!

Há horas em que me pergunto, horas
de difícil resposta, quando eu olho
as coisas e as coisas nada me dizem...
Depois, é tudo o que tu conheces:
os dias acorrentados aos dias,
pequenas rímulas de alegria,
silentes momentos de tristura.

Uma carícia estranha e nova
apodera-se da minha estesia: começo
a amar tudo, repentinamente,
mesmo o que há pouco aborrecia: é
a hora da redenção telúrica, as mãos
lançadas ao céu, quiçá esperando
a alegria...

Mas o sol sacoleja, dá passagem
aos nervos, concita o nojo de estar,
espreme a fadiga. Uma áugure
lágrima acaba de manchar o poema
na palavra nostalgia: um círculo
aquoso, informe, sedoso,
como uma boca hiante.

Há bons homens na terra:
cumprimento-os sorrindo
com a minha indiferença,
desejo-lhes a felicidade,
o calor do mundo no estio,
a brevidade de um amor.

Estou cansado, mas ignoro o ser
do meu cansaço: é qualquer coisa
de etéreo, de malsão, de doença.
Não importa! É preciso dizer
as coisas com a ajuda das palavras:
na minha vida há noites e dias,
cansaços e alegrias, esperanças
e desânimos...

É preciso, sobretudo, a coragem
de dizer as coisas: elas fazem
parte do que eu sou.

37.

Começo sempre o poema do nada:
o que é preciso é coalir palavras.
Depois, com as palavras, sintonizo
o ritmo, invento nova ordem, esculpo
a forma dionísica, sofro as variações
da hora.

Como vês, tudo é mais fácil
quando temos o resíduo da vida
nos bolsos úteis, basta só
dispô-lo no gume mágico
de uma frase desperta. Depois,
é uma questão de levedar
o sumo, de amadurecimento.

Poderia encetar assim: tenho fome
de estrénuia vida e sucumbo todos
os dias. Ou então: adoro
os meus lábios veletas, o sorriso
da displicênciâa no meu olhar.

É preciso que as palavras coalidas
traduzam o que estou sentindo
da forma mais espontânea e veraz.
Não é necessário falar de mim.
Poderei revelar a existência
dos homens que estão comigo,
dizendo as suas vidas, ou então,
simplesmente, contar a história
trágica de um fumo. Tudo é acessível
à poesia, desde que se encontre
a palavra exacta, definitiva, estreme,
sem possíveis equívocos.

Poderei relembrar partículas
do que fui e que o tempo inumou:
na minha infância encontrei
uma jovem com pulcros olhos
de mel, com um sorriso ablutor
que me queimava os dias. Eu
passava e repassava na minha breve
memória a imagem álacre e pura,
até que, num dia de névoa,
me confessou impoluta: – Gosto de ti.
E eu entristeci, porque o meu desejo
era um ténue beijo de uma constante
conquista inconsumente!

Poderei abordar um tema premente
ao desenvolvimento do futuro homem:
denunciando a miséria, os corpos
da desinteria, os espíritos acatalépticos,
a descalça indigência, a corrupção
da liberdade, a tirania do megalómano,
o estiolante estabelecido, os truístmos
tumefactos, o amor burocrático,
as relações anormais, a frieza
das mulheres, a prepotência dos pais,
a obumbração dos imbecis, a elação
da juventude.

É preciso recriar, escorar no verdadeiro
o futuro dos mundos.

Poderei insinuar o aparentemente
indizível: há velhos crepúsculos
no meu ser, resquícios de outras eras
que me são estranhos e vulníficos.

Um certo nítido ar amarelo, em dias
silentes de entardecer, um certo sentir
perclitante, um suxo esgar indolente:
sensação promíscua e letal, eflúvio
de outros homens. Uma consciência
fúlvida, um gesto indiferente.

Nostalgias de eras pretéritas, flâmulas
de macróbias caquexias, estandarte
breve da história. Um espírito
de civilização a inculcar novos
homens, o caminhar inexorável
das gerações, dos epígonos.

O que é mais difícil, na poesia
como na vida, é a sinceridade
da palavra. A magia pode falsear
a realidade, e todo o poeta deseja
e espera ser verdadeiro e único.

38.

Há mãos de púrpura no meu pescoço,
sorrisos dúvidais no meu fordo olhar:
hoje deixei de ser álgido destroço,
começo pela primeira vez a comandar.

Trago o vilipêndio do que fui
vinculado ao vergão do meu tempo,
agora sou só eu quem usufrui
a alegria breve de um momento.

39.

Um subsidiário sol de lágrimas e cantos,
plinto para o ressaibo da insignificância,
heurística imprescindível na remissão do ser.
Galos e luares num alojar da minha essência,
ao som de irrisões e impressões tamisadas,
nonadas com ciúmes averdungados nos lábios,
resquícios amarelos asseverando a existência.
Um taful pensamento volitando a aurora,
um timorato ruído verrumando o silêncio,
um exicial gesto no ambívio da memória
– caterva mesquinha de um viver concreto!

Onde a fala eufónica da tua presente tristeza
para sintonizar o algor de uma tarde lutulenta?
Por que me olhas no convício do acre ferrete
diante do meu pretenso dislate temperamental?
Que fizeste do vínculo exíguo que nos ajoujava,
para dormires indiferente à minha angústia?
Onde levas escondido o carinho prometido,
senão no estiolar dolente da nossa primavera?
Um pequeno livro aberto no teu quente peito...
deixa-me lambê-lo com o máximo de vibratilidade!
Onde descobriste essa última súbita palavra
que te obceca desmedidamente até ao choro?
O que trazes no teu sexo de veludo e anémona
para o recusares fugindo tão aciduladamente?
O esviscerar de todos os teus sorrelfos mistérios,
que trouxe para justificar a pretérita orexia?

A hora que passa sorri tédio e traça,
é mister espantar os fantasmas do desespero!
Um esporádico nevoeiro obnubila o instinto...
deixemo-lo usufruir os rostos do pesadelo!
Um alor de dúvida e jaspe coarcta o sentimento:
ainda não chegou o almejado dia da esperança!
Uma coibida insignificância preenche o que sou:
sorvamos as ninharias ao som de gládios e dor!

40.

Trazes merda no teu morfético viver,
uma merda viscosa de um crepúsculo agónico
agarrada aos dias de plúmbea indiferença.
Tens os dias codificados em métrica informe,
automatizas os gestos pelo vício da disbulia,
raras vezes exalas um inamissível viver
debaixo da precariedade das tuas horas.
Sobretudo dispersando para o que podes ver,
uma sombra longeva aumenta o significado,
um espanto gasto diz bom dia ao que tu és.
As vísceras rúbeas escorrem tacitifluamente
nos escombros volatilizados do que já foste,
transportam um eflúvio de mortalha suada,
sonhos luzidos do que já desejaste ser.
Sem dúvida existes aureolado de imanência,
lusco-fusco de sussurros lapidescentes, zarcão
suave de instintos mastigados, flor flébil
de um futuro entardecer. Rímulas de ti
ficaram nos esquecidos objectos, passagens
virgens de um antigo viver, revérbero
dormente da tua inequívoca presença,
experiência vã no teu quotidiano morrer.
Dorme contigo o esperma da insinuação,
o clangor báquico de uma insuficiência,
o opíparo estertor da dévia impotência,
camarinhas oliváceas de fútil pretensão.
Mas um sorriso enigmático de pedras inerves
cobre as insignificâncias em que te escoras,
adocica imprevistamente as arestas do teu ser,
explora e extraí do nada o teu maior prazer.
Quando te apercebeste da tua hominalidade?
Há conquista e suor na tua autenticidade, não
a percas frente ao mais monstruoso acontecer!

41.

Amo o branco em relevo da precisão oriental
com o cinetismo polaco a mijar na impulsividade;
o engulho alopécico da pop-art fosforescente
no lodo ígneo de um construtivismo danado.
Amo o rigor abiófilo das relações espaciais
na dúctil abstracção de um incómodo cenário;
o nidor côncavo da sensibilidade polícroma
na sempre eterna dualidade de todas as coisas.
Amo em gredelém a euforia renovadora e cristal
do poder encantatório das imagens polidas
ao som fantástico de uma intuição poética,
com o afresco da enérgica persuasão plástica
no plaino de um coccíneo jogo de superfície,
laivada com desamor no traço vigoroso e cruel
do verde filho da inconsciência fútil e lábil,
quando a placidez idiossincrática se identifica.
Amo o círculo conceptual da realidade tangível
na ingenuidade interpretativa e filosófica
do delírio febril e inovador de um futurismo.
Amo a cerimónia da confusão caótica e pânica
no concerto falhado de uma macróbia miniatura,
quando a nostalgia da integração pictórica
mascara a nulificação dos objectos insípidos.
Amo o panejamento aveludado da imaginação
devido ao torso icástico da forte mulher nua,
na muralha de ouro de reduzida espessura
que a escatologia esbelta de um ritmo lento
propaga à montagem intimista de um suspiro.
Amo o imo do princípio da necessidade interior
com a forma bicuda de um azul de bordos
curvos tauxiado na agressividade feérica
do figurativismo, cuja capacidade de sedução
ablutora é pornográfica cotejada com o hierático
simplismo do fauvismo (segundo o crítico).

Amo a abertura aliveloz para o espaço ilusório
sobrevoando o medo criador da ânsia algemada,
com a poesia da incerteza no galope da ideia,
quando a terra e o céu fazem batota com o homem.

Póvoa de Varzim-Coimbra

1967-1968